

GRIFO

Nº 66
ABRIL
2026

O JORNAL QUE RI

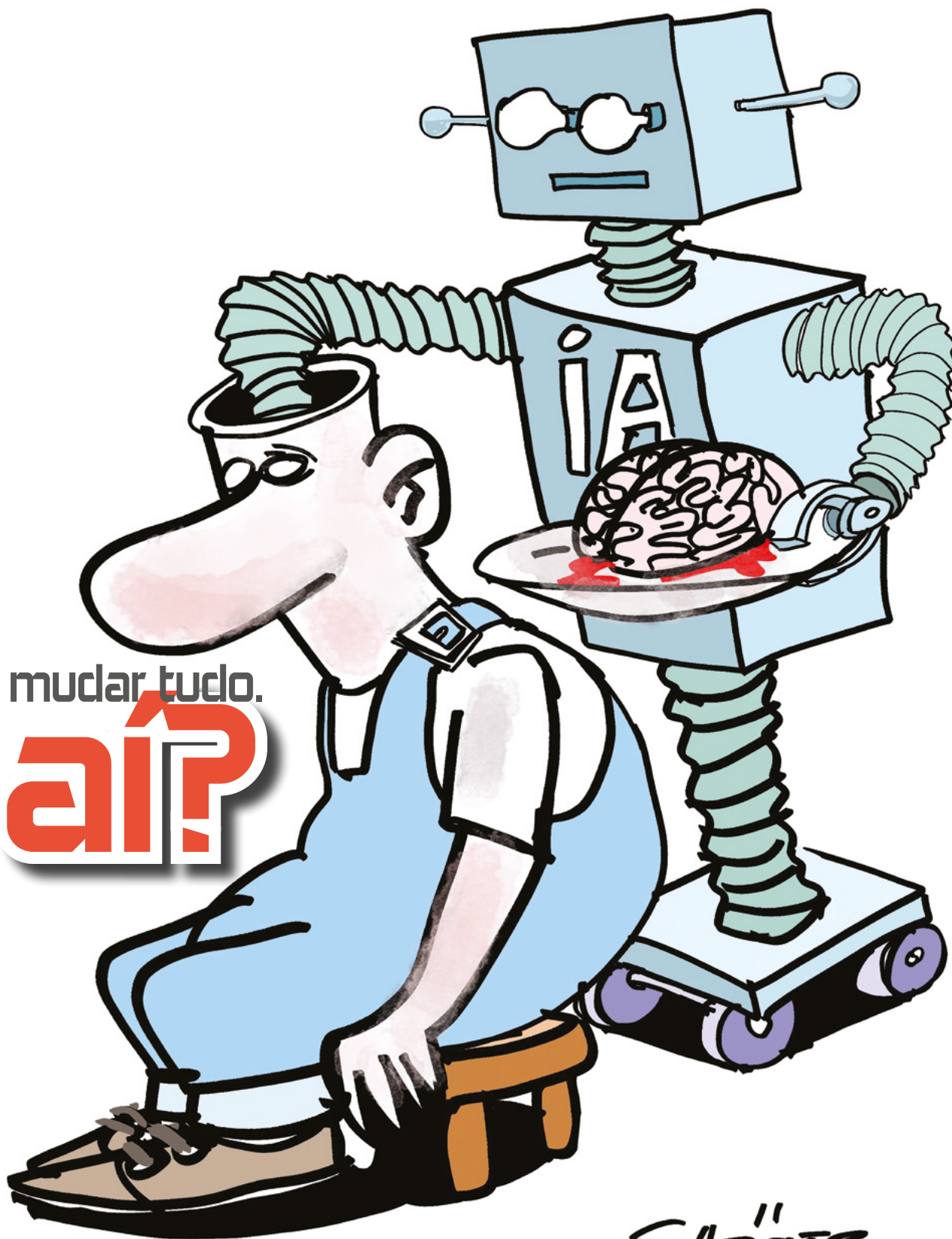
1º de Maio
LUIZ AUGUSTO FARIA
PÁG. 4

Vivi para ver
CELSO VICENZI
PÁG. 10

O homem Cazarré
MIGUEL PAIVA
PÁG. 20

A IA vai mudar tudo.

É ai?



SCHRÖDER

Já tá valendo

Abril começou com o Dia da Mentira, é do folclore, e terminou com o dia da dosimetria. O senado derrubou o veto de Lula para a lei que aliviava as penas dos golpistas de 8 de janeiro de 2023 e de lambuja também as de pedófilos, assassinos, feminicidas, traficantes e assemelhados. No dia 29, votou contra a indicação de Jorge Messias (que não é “terrivelmente evangélico”) para o STF. Foram duas derrotas seguidas do governo na véspera de maio. Além disso, ameaça manter jornada de trabalho 6 X 1, ao contrário de reduzi-la. Parece até um recado: “É pro Lula ver com quem ele tá se metendo”.

Já viu. E entendeu. Maio, com seu Dia do Trabalhador e Dia das Mães, promete muito mais. É também o mês em que os pré-candidatos podem iniciar a arrecadação financeira para a disputa eleitoral. Oficialmente ela não começou, mas na prática já está acontecendo.

Derrubar o veto de Lula ao PL da dosimetria é quase a mesma coisa que aprovar a PEC da bandidagem, o que a Câmara Federal fez em setembro de 2025 (e só não foi adiante porque a população protestou nas ruas em todo o país). Mas não deixa dúvida qual a cara da maioria do parlamento brasileiro e para onde apontam as decisões nesse resto de ano.

A direita apresenta três faces, como aquele cão grego que não deixa as almas saírem do inferno, o Cérbero: Flávio Rachadinha, Caiado e maioria do Congresso Nacional. A votação do senado foi mais uma etapa do valeduto da elite na disputa política e econômica: vai de Inteligência Artificial para vídeos, fotos e desenhos mentirosos, e inspirações da direita em qualquer lugar do mundo, além de influencers remunerados, mídia e seu histórico posicionamento conservador, algumas publicações virtuais, e até voluntários esperançosos de conseguir uma beirada financeira.

Talvez as três cabeças do cérbero patriótico, principalmente duas delas, briguem entre si, mas não precisamos gastar nosso cérebro com esse tipo de esperança.



GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020.

Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da **Grafar** (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha
Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Jorge Sanches Arias, Brady Izquierdo e Luis Enrique Pérez Hechavarría

Rio de Janeiro: Máximo e Miguel Paiva

Rio Grande do Sul: Alisson, Bier, Carlos Roberto Winckler, Dênis Pimenta, Edgar Vasques, Elias, Ernani Ssó, Fabiane Langona, Gilmar Eitelwein, Jô, Kayser, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Óscar Fuchs, Paulo de Tarso Riccardi, Santiago e Schröder

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo, @meuscatoons (Carlos Castelo com IA), Milton Saldanha e Mouzar Benedito

Arte da capa: Schröder

Leia aqui todas as edições do GRIFO
<https://linktr.ee/Jornalgrifo>



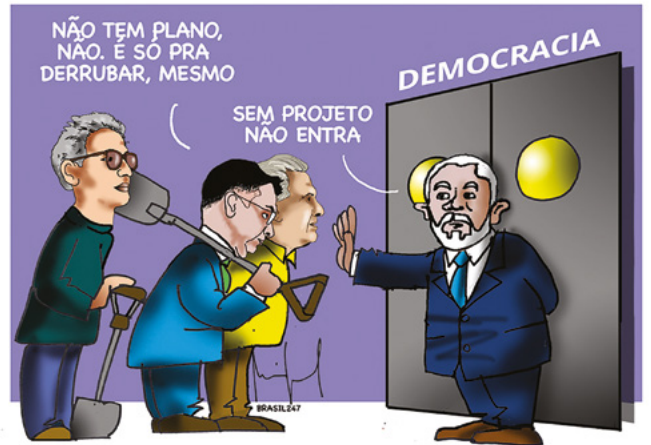
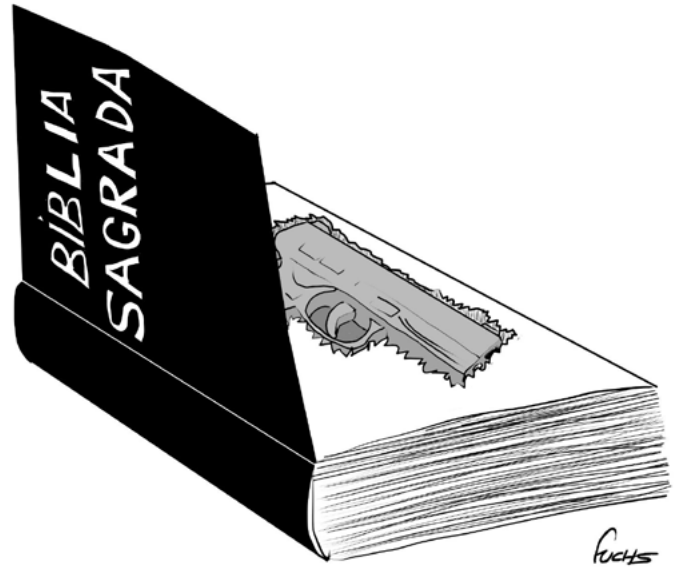
Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3



1º de Maio

Luiz Augusto Faria

Em 1º de maio de 1886 teve início uma greve geral convocada pelo Congresso de Organizações Industriais – hoje AFL-CIO, a central sindical dos EUA. Sua reivindicação era a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Houve uma repressão violenta e em Chicago, centro da indústria americana, ocorreram confrontos provocados pela polícia e seguranças privados que protegiam fura-greves, com mortes, inclusive de policiais. Vários líderes foram presos e responderam a processos viciados. Como resultado da perseguição, oito trabalhadores foram condenados, sete à forca e um à prisão.

Em 1889 a Associação Internacional dos Trabalhadores decidiu realizar manifestações anuais nos 1º de maio para lembrar os mártires estadunidenses e lutar pela jornada de 8 horas. Um dos poucos países onde a comemoração não ocorre nesse dia é os EUA. Lá, o Labor Day cai na primeira segunda-feira de setembro.

No Brasil, o 1º de Maio passou a ser feriado em 1925, mas a jornada de 8 horas só chegou no governo Vargas, em 1932. Foi regulada junto com outros direitos pela edição da legislação trabalhista em 1943, que estabeleceu férias de 30 dias e a escala 6x1 de 48 horas semanais. Nessa época também se criou um sistema de aposentadorias e pensões custeados por trabalhadores, empresas e governo através de institutos de cada setor de atividade, depois unificados no INSS. Passaram-se mais quase 20 anos para uma nova conquista, o 13º salário criado em 1962 por Jango Goulart, assim como outras

garantias como auxílio-doença e maternidade.

Em nossa história, todos os direitos não só chegaram depois de já vigentes mundo afora, como foram antecedidos de campanhas de contrainformação que anunciavam o caos com a concessão de melhores condições aos trabalhadores. Assim foi quando da abolição da escravidão, que só ocorreu depois dos episódios de Chicago. Dizia-se então que o país cairia na crise e na miséria. O mesmo terrorismo foi usado contra a CLT, contra o salário-mínimo, as férias remuneradas, o 13º salário, e os direitos da Constituição de 1988. Aliás, em 1990 Collor assumiu propondo retrocesso nos direitos sociais e trabalhistas recém conquistados.

Na sequência, FHC conseguiu impor as reformas neoliberais, voltadas diretamente a retirar a maior parte dos novos direitos, muitos dos quais sequer em vigência por falta de regulamentação. Criaram-se figuras jurídicas novas que tornavam legais formas de trabalho precário e sem boa parte dos direitos dos “com carteira”. Assim, os trabalhadores formais com direitos garantidos, mesmo reduzidos, que eram 59,6% do total em 1990 caíram para 46,6% em 1999. Com Lula e Dilma chegaram a 51,8% em 2013 e depois do golpe e do Bozo, 48,3% em 2022, melhorando outra vez com Lula, 49,7% em 2024.

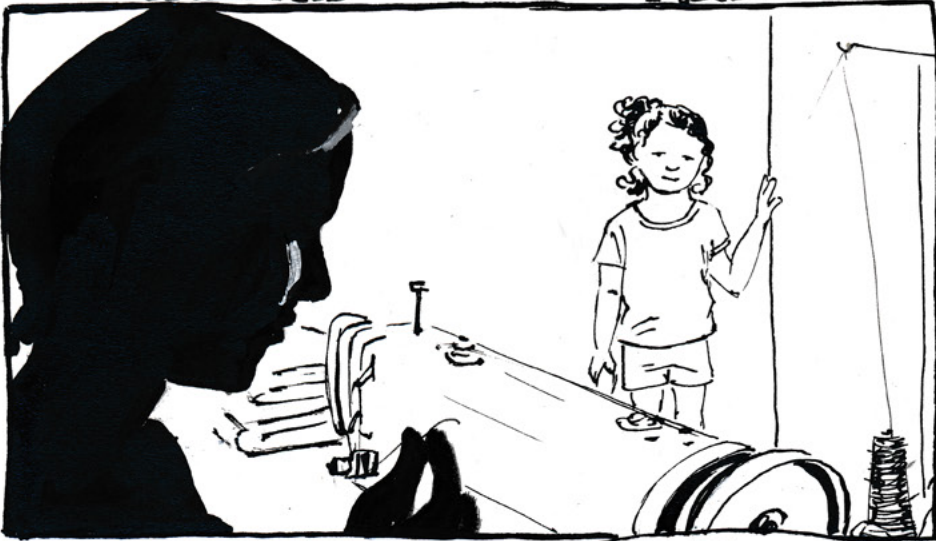
Assim como nos EUA e alhu-



res, aqui também todas as conquistas dos trabalhadores sofreram forte oposição e tiveram de ser arrancadas dos empresários com muita luta. Como vemos hoje no debate sobre o fim da jornada 6x1 proposto pela deputada Erika Hilton, os argumentos se repetem: a economia não aguenta, vai haver desemprego, as empresas não poderão arcar com esses custos e por aí vai. Um pouco da boa ciência econômica, tão escassa no Brasil onde só se ouve a voz do “mercado”, ajudaria a entender o efeito real dessa mudança.

A equação é simples, mais direitos, mais crescimento e renda. Mesmo com o arrocho salarial da ditadura, o PIB regulado pela CLT cresceu 6,1% ao ano entre 1950 e 1989. O neoliberalismo de menos direitos e salários fez o crescimento cair para a média de pífios 2% entre 1990 e 2003. Com Lula e Dilma ampliando direitos e aumentando o salário-mínimo, de 2003 até a conspiração e o golpe, 3,7% ao ano. Temer e o Bozo reduziram o salário-mínimo e fizeram sua reforma trabalhista. Resultado: crescimento de 0,1% de 2015 a 2022. O retorno de Lula em 2023 veio com reajustes do salário-mínimo e dos benefícios sociais e elevou o crescimento para 2,7% até o ano passado.

É um segredo de Polichinelo.



A eleição como batalha informacional

Alexandre Cruz

A extrema direita compreendeu cedo que a política do século 21 também se disputa na arquitetura das plataformas. Não apenas nos parlamentos ou nas ruas, mas nos algoritmos que organizam visibilidade, afeto e poder.

A propaganda deixou de ser apenas discurso. Tornou-se infraestrutura.

Com a inteligência artificial, essa mutação ganha escala inédita. O problema não é apenas a produção de desinformação, mas a capacidade de modular percepções e comportamentos.

É nesse sentido que Byung-Chul Han fala em infocracia: um regime em que a dominação opera não só por censura, mas pela saturação informacional e pela indução.

Plataformas premiam choque, simplificação e antagonismo. A IA tende a radicalizar esse ambiente com *deepfakes*, segmentação emocional e propaganda automatizada.

A eleição já não é apenas urna e palanque.

É também batalha informacional.

No Brasil, isso não é hipótese. Das milícias digitais ao chamado gabinete do ódio, vimos surgir um laboratório em que desinformação e poder caminham juntos. A novidade é a automatização dessa persuasão.

Mas o fenômeno não é apenas político.

É também econômico.

Como sugere Yanis Varoufakis, plataformas deixaram de ser simples mercados e passaram a operar como infraestruturas privadas de captura. Por isso o debate sobre IA é também debate sobre concentração de poder, antitruste e soberania digital.



A questão já não é apenas tecnológica.

É institucional.

Democrática.

Discutir inteligência artificial é discutir poder.

E limites para o poder.

Regular plataformas, exigir transparência algorítmica e conter monopólios digitais deixou de ser agenda de especialistas.

Tornou-se agenda democrática.

Há um risco em aceitar que mediações públicas sejam substituídas por arquiteturas opacas governadas por interesses privados.

Mas há também uma tarefa:

Reconstruir esfera pública.

Defender jornalismo.

Democratizar tecnologia.

Há um ponto decisivo nisso tudo: a disputa algorítmica também atravessa o mundo do trabalho, da comunicação e da própria experiência democrática cotidiana.

A inteligência artificial não reorganiza apenas campanhas.

Reorganiza relações de poder.

Não é casual que apareçam lado a lado a precarização do trabalho, a plataformização da vida

e a automação da propaganda.

São fenômenos conectados.

Toda técnica carrega uma visão de sociedade.

E a pergunta de fundo continua política:

Que futuro está sendo programado?

E para quem?

Talvez a luta do nosso tempo não seja apenas contra a mentira, mas pela reconstrução do espaço comum em que a verdade possa voltar a circular como bem público.

Porque, no fim, a disputa em torno da inteligência artificial não é sobre máquinas.

É sobre democracia.

Sobre soberania.

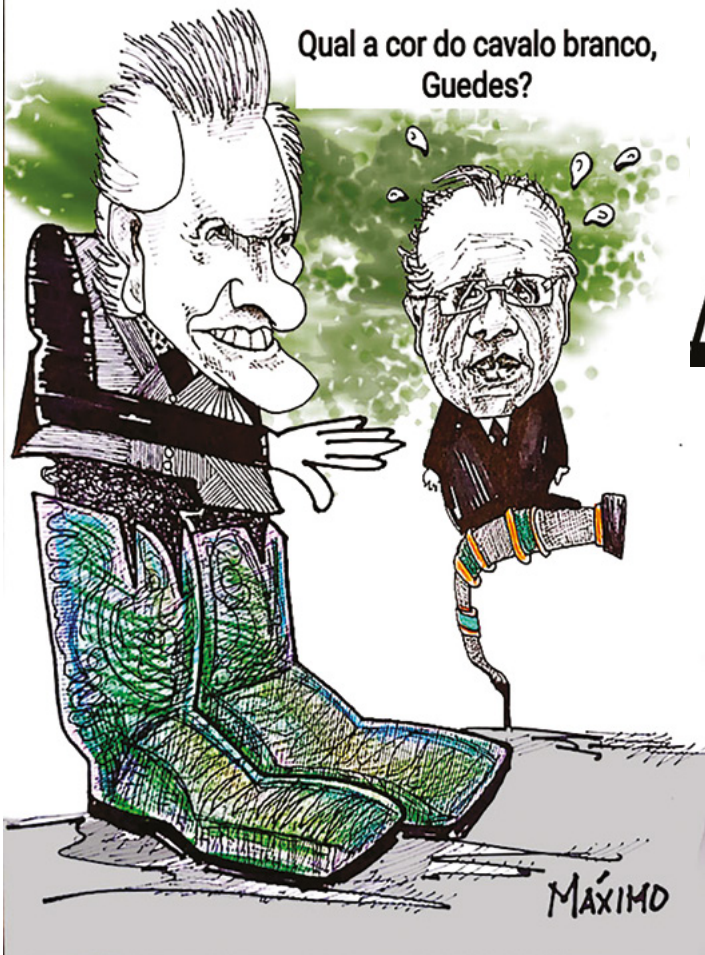
Sobre quem decide.

Se aceitarmos que o futuro seja administrado por arquiteturas opacas de poder, ou disputado por cidadãos.

Porque a verdadeira batalha informacional do nosso tempo talvez seja esta:

Não apenas quem controla os algoritmos.

Mas quem controla a política diante deles.



IA, um futuro incerto para a humanidade

Milton Saldanha

Dicotomia é uma palavra de origem grega que define a divisão de algo em duas partes, geralmente antagônicas. Nada mais perfeito para descrever a Inteligência Artificial, IA, que despenca cada vez mais como avanço tecnológico.

De fato, tem grande utilidade, por exemplo, em sua aplicação na Medicina. Até para cirurgias, com precisão que a mão humana não consegue. É bom? Muito.

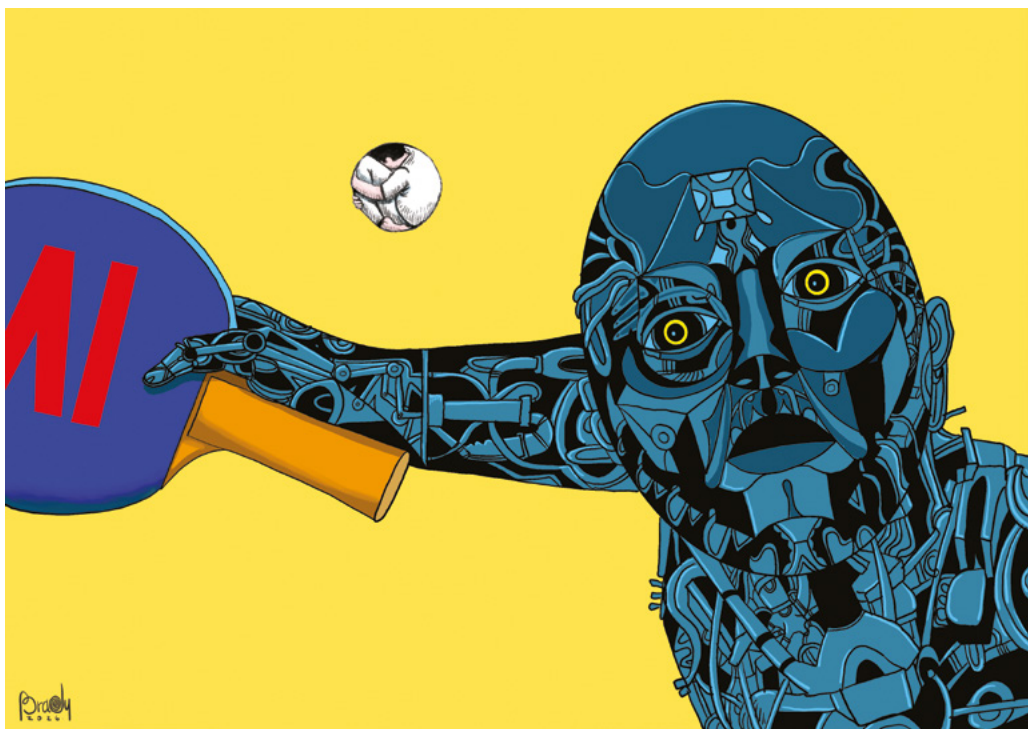
A dicotomia aparece quando é mal aplicada, para fins criminosos. Caso de personagens, que não existem, criados para influenciar nas decisões dos eleitores. Para mentir, com proteção ao autor, que fica no anonimato. Honesto é a pessoa se expressar com seu próprio rosto, voz e nome. Não precisa CPF.

O entusiasmo com IA, celebrada por muitos como solução para tudo, envolve o paradoxo dos riscos que também oferece. Além do citado acima. No Dia do Trabalhador de 2026, tema do Grifo nesta edição, vale a pena refletir sobre os riscos ao emprego.

Fácil de entender: quando máquinas substituem pessoas isso é ótimo para o investidor do capital, que não precisará pagar salários nem encargos. Nem terá os inevitáveis conflitos das relações humanas. E será péssimo para quem precisa do emprego. Simples assim.

FUTURO INCERTO E PERIGOSO

Essa aparente maravilha, com o tempo e seu crescimento e sofisticação, poderá provocar um desemprego em massa jamais visto no mundo. Tudo, ou quase tudo, se resolverá por IA. Com empresas de aplicativos segmen-



tadas por setores e empregando o mínimo de pessoas.

Não será bom nem mesmo para o citado acima investidor do capital. Tudo bem, ele elimina custos. Mas não terá pessoas com poder aquisitivo para comprar o que produz.

Isso nos remete a 1760, quando começa a Revolução Industrial, que vai durar um século na construção do seu aparato e formação de classes consumidoras. Momento em que o capital percebe que precisa também ceder para ganhar.

Resulta disso o combate da Inglaterra, líder da Revolução Industrial, à escravidão. Coloca sua poderosa Marinha Real na vigilância dos oceanos para coibir a navegação dos terríveis navios negreiros, do tráfico escravagista.

E mais: pressiona pela abolição em países onde ainda existe o trabalho escravo. Inclusive no Brasil, que só não aboliu mais tarde, mesmo sendo um dos dois

últimos do mundo a fazer isso, porque não tinha cacife para dizer não a Londres.

Não foi humanismo. Não foi esforço de integração racial. Foi interesse comercial puro sangue, caso contrário a produção ficaria encalhada, por falta de compradores. Isso que hoje se chama recessão. O racismo continua até hoje. Ainda está longe de ser superado pela aceitação da diversidade.

Não termina aqui: um desemprego em massa no mundo seria a semente de um caos social jamais visto. As pessoas precisam comer, vestir, se abrigar. É o básico. Aspiram também pela posse de bens duráveis e pela felicidade. Isso tem custos.

Sem renda, no desespero, iriam buscar a alimentação na marra. Como? Imaginem. Podem começar vendo o noticiário policial diário. A exclusão, sem dizer nenhuma novidade, é indutora do crime. Mesmo quando só parece maldade. Tudo tem causa.

BAR do NEREU

Tava lá o Tilica e seu violão. Sua presença era uma festa. Entre uma gritaria e outra, tocava e cantava de tudo com o borrachado. No meio disso entrou um cara com gravata amarrotada. Pelo jeito, já tinha batizado o verbo em outra igreja. Quase imediatamente Integrado, intercalava a fala e as melodias com exclamações tipo Oh, glória! Amém! Aleluia! Abençoado seja! Tilica entrou no clima do visitante e lascou uma música sacra muito conhecida nas missas e cultos. Foi até acompanhado por alguns presentes. O refrão dizia o seguinte: "Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus"... Só que, em poucos minutos, o clima religioso encheu o saco e mudou o rumo da prosa. Pra horror do crente - já despertado da epifania! - o tema passou a ser piroca. Cada um falava da sua. Um tinha jundiá de lombo liso, outro contava que o seu era torto pra cima e funcionava como cabide. Teve o cara que quase exibiu o pinto conversível: era circuncidado. O Negão declarou que tinha a jeba tão grande, que, pra irrigar, tirava o sangue do cérebro e ele desmaiava. Biru revelou que tinha ovo rendido, mas que a curiosidade só tornava o sexo mais atraente. O Baixinho confessou que, no inverno, o pistolin ficava tão encolhido, que ele tinha que mijar sentado. Era uma gargalhada em cima da outra. Depois de uma pausa, e um pouco mais amarrotado, o crente se atrapalhou na conversa e pediu pro Tilica:

- Toca aquela música de novo!
 - Aquela qual?
 - Aquela que diz "segura no pau de Deus"...



INTERIOR

Você diz, querida, que eu não olho pra dentro de mim, mas veja esta pedrinha que saiu cá do meu rim e caiu neste penico fazendo plim!

E esta azia, meu amor, (do sal de fruta é um pavor) provocada por um rosé! Que estômago não reagiria, não entraria em histeria sem indagar o porquê?

O fígado é conhecido - e isso eu sempre te digo! - em todo consultório e hospital. Já se curou de tanto mal, que virou objeto de culto nos milagres da Universal.

Fiz das tripas, coração, uma rede de anunciação que dá passagem pra tudo e conta a história da casa ao longo de uma estrada que termina num sabugo.

PALAVRAS DA SALVAÇÃO

**Esse governador é muito vivo!
 Oferece o fiofô dele aos privatistas e depois entrega o nosso.**

A vergonha é um negócio que a gente só sente quando é descoberto.

Não há nada mais eleitoreiro do que fazer um bom governo.

Por que a gente nunca vê um culto de exorcismo nos bairros Três figueiras ou Moinhos de vento?

A língua inglesa é o português metido a besta.

Sexo oral é quando o cara não para de tagarelar enquanto trepa.

Daqui a mil anos os arqueólogos vão se impressionar com a merda que Melonaro fez na capital gaúcha.

É impressionante como a Lei da Selva se potencializa na cidade!

O estudante aquele era tão cu de ferro, que só tomava chá de folha de zinco.

Sagu é um caviar criado pelos gringos da Serra.

De que vale uma viagem ao espaço pra quem vive no mundo da lua?

Não me mande pedido de amizade com foto de cachorro. O cachorro não tem culpa.

Pelo meu histórico - dezenas de vezes meti o dedo no cu da morte e saí correndo -, meu plano de saúde já teria passado dos R\$ 15 mil.

E pensar que abrir uma igreja é mais barato do que regularizar uma carrocinha de pipoca...

Vejam só como a medicina evoluiu. Nos anos 1980 não existiam canetas emagredoras. A maneira mais eficaz de emagrecer era o HIV.

Os argentinos tão comendo carne de burro. Milei já reforçou sua segurança.

**- Você nunca rodou na escola?
 - Agora não tem mais reprovação.
 - Você sabe o que é interpretação de texto?
 - O que é texto?**

Nunca diga a um suicida que o mundo está lhe oferecendo uma janela de oportunidades.

Vivi para ver

Celso Vicenzi

Calça rasgada vendida a preço de nova.

Big techs praticarem crimes que seriam punidos se fossem cometidos por pessoas.

Bolsonaro e militares de alta patente serem condenados à prisão.

Bicho ser tratado melhor do que gente.

Gente vestindo bichos como se fossem gente.

Pessoas terem medo igual ou maior de polícia do que de ladrão.

O ovo ser condenado e absolvido. De novo!

Banha de porco ser condenada e absolvida. Novamente!

Veganos e vegetarianos querem "comer" o fígado dos carnívoros.

Milhões de pessoas acreditarem e propagarem notícias falsas.

Muita enganação ser alçada à condição de obra de arte e comprada por uma fortuna.

Ressurgir o nazismo e o fascismo, com a complacência da sociedade, que ignora e flerta com o perigo.

Turistas e fãs preferirem fotografar e filmar em vez de prestar atenção nas viagens e nos shows.

Pessoas ficarem viciadas e hipnotizadas por telas de celular.

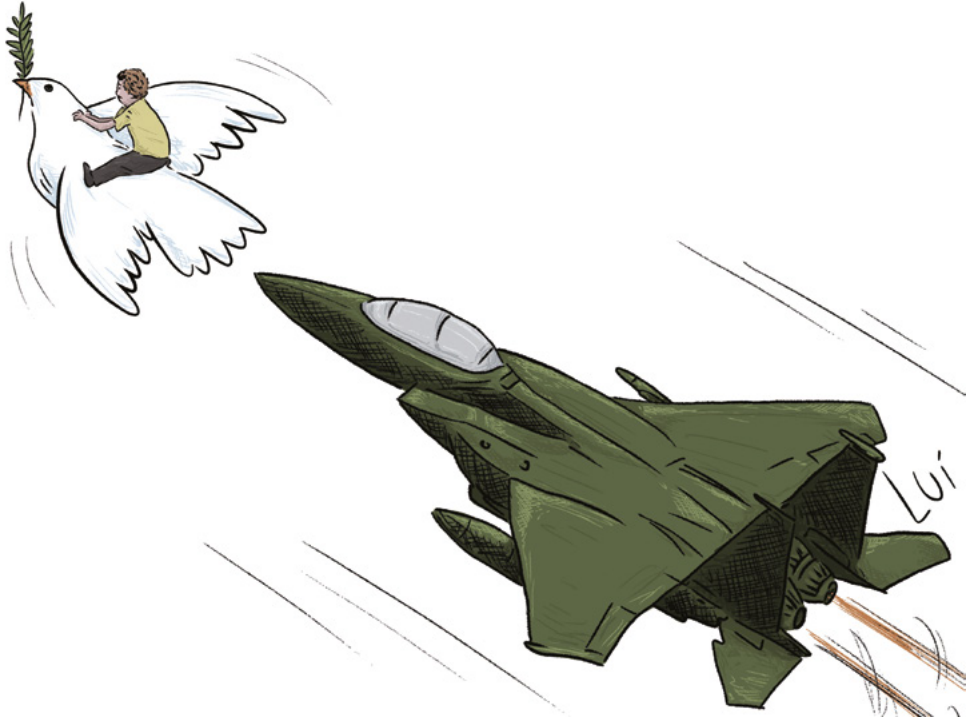
O país que viveu os horrores do Holocausto, ser algoz do genocídio palestino.

Influencer virar profissão que fabrica ricos da noite para o dia.

Milhões de pessoas tornarem-se especialistas em qualquer assunto, nas redes sociais.

A bandeira brasileira e a camisa da seleção se transformarem em ícones da extrema direita.

Professores serem xingados e até espancados por alunos e pais



de alunos.

Milhões de patos irem às ruas sem saber que iriam pagar o pato.

Mortadela e coxinha transformados em ideologia.

População pobre e de classe média apoiarem os ricos.

Ter mais plástico do que peixes nos oceanos.

Filhos mandando nos pais e pais deixando a educação dos filhos para as big techs.

Criminosos usarem celular, com ótimo sinal, para comandarem crimes de dentro das prisões.

A China comunista dominar o mercado capitalista.

Che Guevara virar souvenir em camisetas e bonés da classe média burguesa.

Os EUA elegerem um presidente tosco, pedófilo e negociacionista que vai apressar o fim da hegemonia norte-americana.

Pessoas andarem pelo mundo sem um centavo de dinheiro físico, só digital.

O auge e o declínio do Neymar.

Igrejas evangélicas cometerem crimes de estelionato sem serem importunadas pela justiça.

Ter mais quadrilhas no Congresso do que em festa de São João.

Um técnico gringo tentar ensinar futebol aos jogadores brasileiros.

Pessoas famosas e anônimas confessarem em detalhes o que fazem e o que desejam fazer na cama.

O mundo assistir, passivamente, um genocídio pela TV.

Gays, negros, mulheres, populações minoritárias e vulneráveis votarem em algozes da extrema direita.

A grande imprensa se apequenar novamente na defesa do indefensável e na sabotagem da democracia.

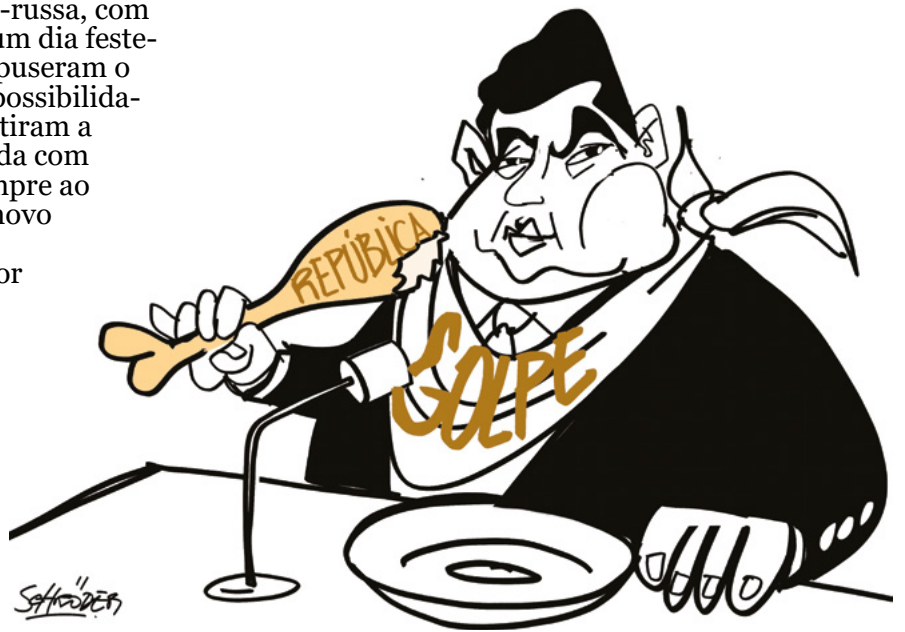
“O futuro repetir o passado” – obrigado, Cazuza!

Clichês, infâmias e humor

Viver no Brasil é viver numa montanha-russa, com todo o cansaço que o clichê representa. Num dia festejamos a prisão dos criminosos que nos impuseram o medo e a morte e noutro sofremos com a possibilidade da sua soltura pelos mesmos que garantiram a sua prisão. Esta montanha-russa, misturada com carrossel e auto-choque, nos reconduz sempre ao mesmo lugar aos trancos e barrancos, de novo com a ajuda dos clichês.

A infâmia escolheu o Dia do Trabalhador para trocar a redução da jornada escravizante de trabalho pela absolvição tácita de criminosos que ameaçaram a população com a morte por asfixia ao mesmo tempo que cagavam literalmente nos palácios do poder e destruíam o patrimônio público como forma violenta de privatização.

Aos palhaços mortais e sem graça que assombram nossa vida só temos o bom humor de verdade e a capacidade de dizer não para garantir a subida da montanha-russa e torcer que não caiamos de novo e que o Coringa miliciano cumpra sua pena.



quer que escreva?

Pixs

Alcolumbre me parece aditivado na condução da anistia a Bolsonaro e a outros criminosos. Não sei se é o efeito estimulante do poder ou espasmos involuntários da intoxicação da grana.

Os bucaneiros sabiam que o butim não podia ser menor do que o preço do navio pirata. Os EUA estão gastando mais em guerras do que conseguem roubar dos despojos. O sistema faliu.

Na histórica e trágica sessão do Senado que rejeitou Messias para o STF, um senador obscuro do PL, mais um, no seu discurso contra a indicação de Messias afirma que Caetano pegou em armas. Esta afirmação não é só um equívoco provocado por ignorância ou burrice. É principalmente uma afirmação que faz parte de uma realidade onde a verdade e a racionalidade não são bem vindas e onde a retórica tem a sua própria lógica. O desmentido bem humorado do senador Otto Alencar não apaga a mentira embutida no engano e que tem vida própria. O fascismo habita um mundo paralelo que atrai e engole a verdade.

O tal atentado fake a Trump criou no mundo a maior onda de esperança e frustração combinadas. O cara é um especialista em ser odiado e o relatório Epstein é um diagnóstico perfeito de sua personalidade.

Não me peçam compreensão. Uma criança brasileira de onze anos, um pouco mais velha do que minha neta e seus pais foram assassinados pelo exército israelense. Seu irmão está hospitalizado. Isto é insuportável sob qualquer aspecto. Ainda espero a solidariedade dos judeus humanistas brasileiros.

Uma das coisas mais intoleráveis para mim é a mitificação. Aquele olhar que transforma tudo em sagrado, intocável e iluminador. A mitificação do partido, por exemplo, quase sempre conduz para a derrota, a mitificação de pessoas invariavelmente produz monstros desumanos, a mitificação de lugares sempre esconde a feiura por detrás das façanhas e a mitificação de ideias redonda sempre na cristalização ideológica que impede a mudança em nome da mudança. Embora nunca expressada, a luta de Marx sempre foi contra a mitificação do trabalho que escondia o roubo da mais valia, contra a mitificação do capital que escondia o ladrão e, principalmente, contra a mitificação das ideias que sempre escondem a realidade e consagram a própria mitificação.

Trump está tentando usar o mesmo truque que usou contra Biden. O falso tiro na orelha e a ameaça do jantar têm a mesma natureza da fakeada de Bolsonaro. Acho que desta vez a encenação foi amadora demais.

O crime organizado entre a maioria dos vereadores, as empreiteiras e construtoras e a mídia acabou de assaltar a cidade de Porto Alegre. Seguindo o plano macabro depois das baixas de preços de imóveis e terrenos das áreas atingidas pela enchente engendrada pelo prefeito e pelo governador, os vereadores aprovaram um plano diretor que era o sonho dos especuladores. A cidade será verticalizada para aumentar o já exorbitante lucro das construtoras e entregue às corporações. Setor imobiliário, mídia e os vereadores certamente compensados, estão exultantes.

O assassinato da jornalista libanesa pelo exército terrorista sionista entra para a história mundial da infâmia patrocinado pelos EUA e por Israel.

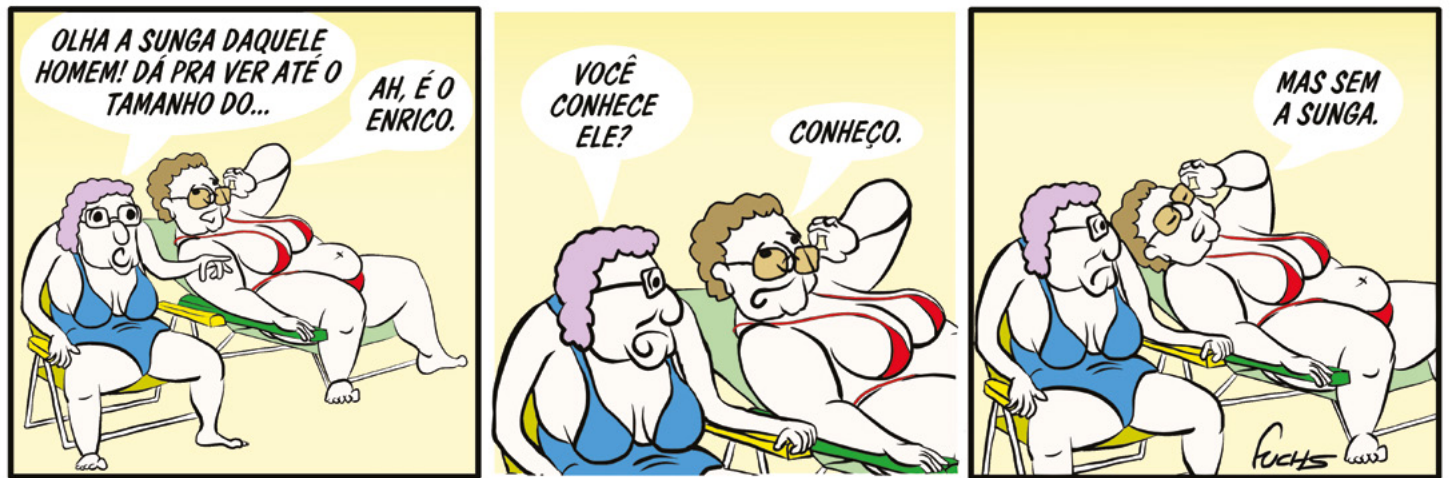
Paulo Henrique Costa, ex-presidente do BRB e atualmente preso em função da ladroagem do Banco Master, acena com delação premiada. O governador Ibaneis Rocha precisa abrir o olho.

E a Venezuela sequestrada por Trump com a ajuda dos irmãos Rodrigues? O país sul-americano desapareceu dos noticiários depois que o governo venezuelano entregou a tutela para o Trump. Sem notícias pela direita e sem comentários pela esquerda

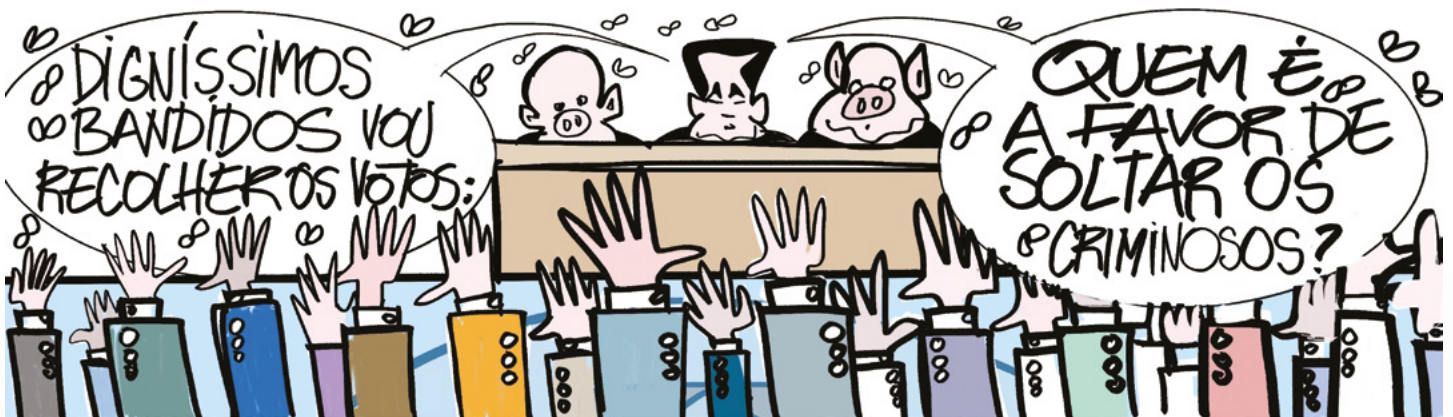
BLAU Bier



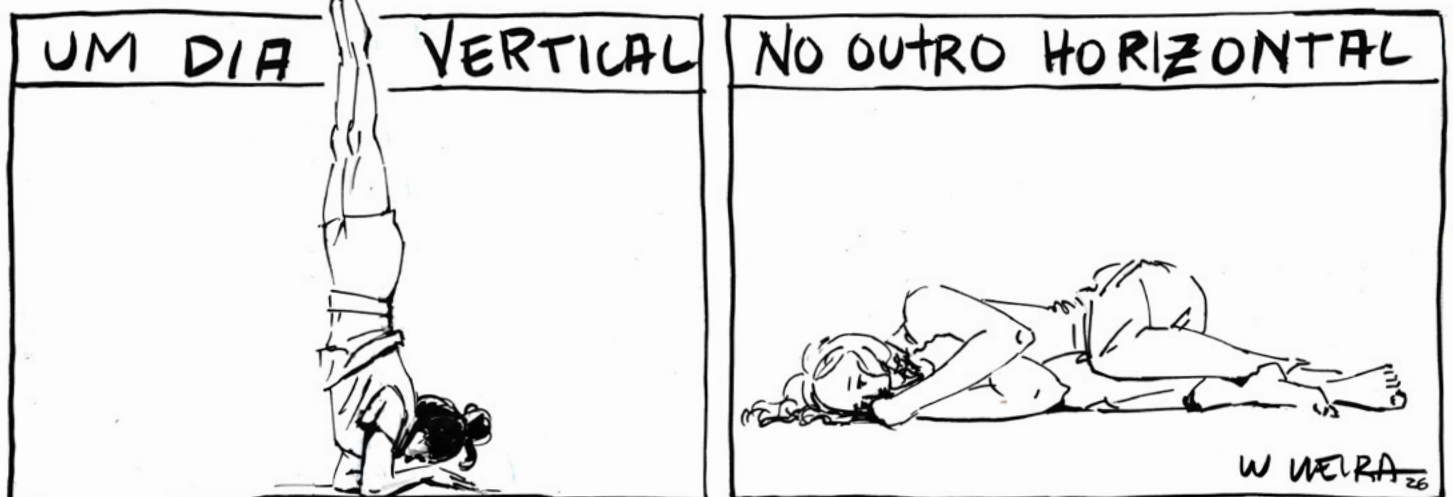
ZÉLIA E DIRCE 60+ Fuchs



PAMPA MIA Celso Schröder



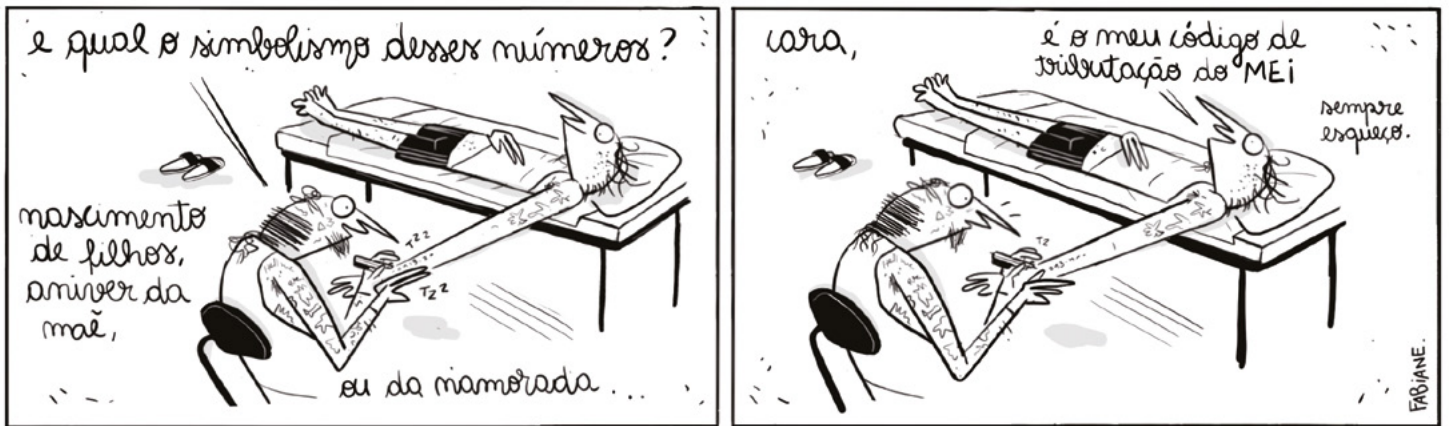
Lu Vieira



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona

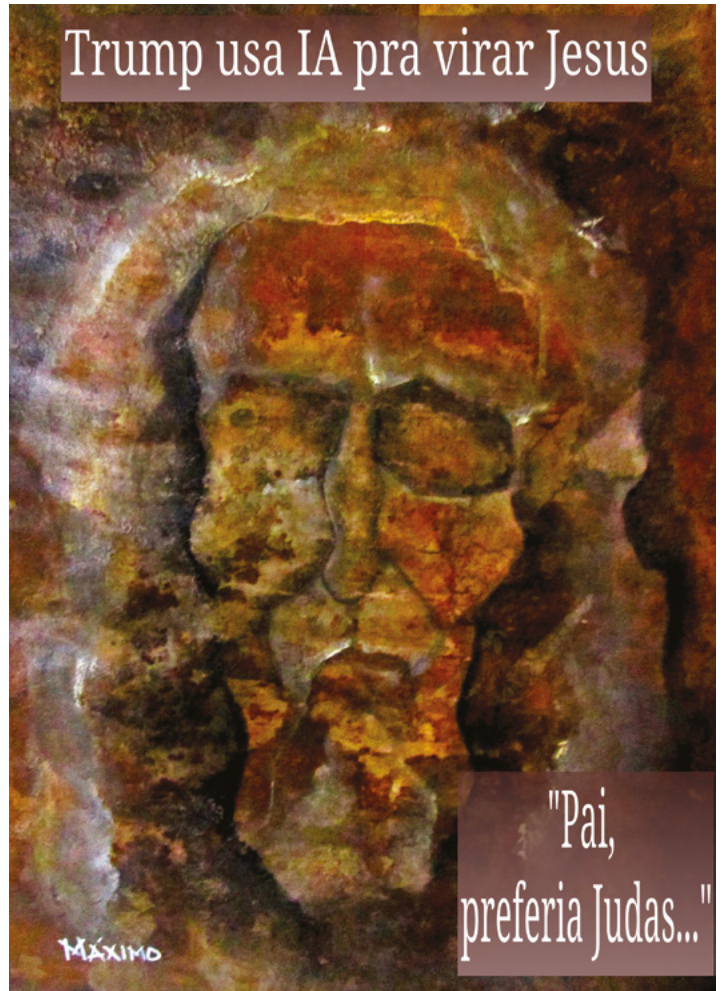


Paulo de Tarso Ricordi



RANGO Edgar Vasques





Crise: Milei manda argentinos comerem burro



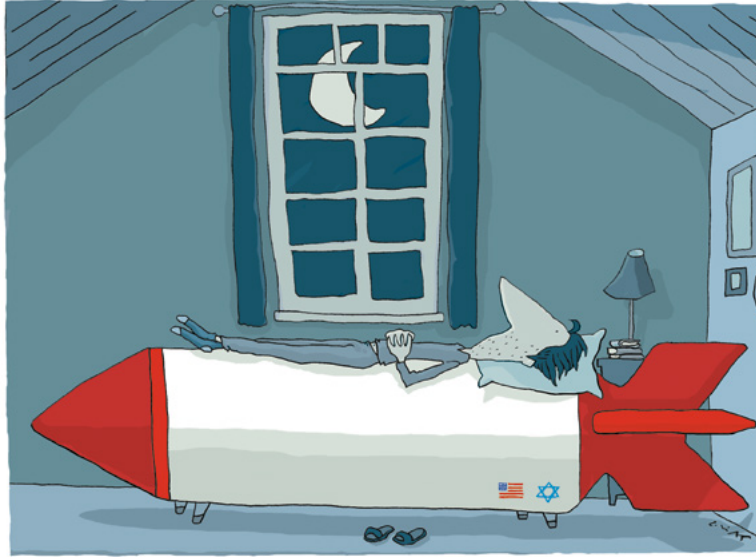
O mundo insone

Carlos Roberto Winckler

Cena banal. Em Gaza snipers em asséptica distância abatem crianças com tiros na cabeça e no peito, muitas aguardando em desespero a distribuição a conta-gotas de alimentos. O repertório da orgia de horrores perpetrado é imenso, mesmo em período de trégua, rompida sistematicamente pelo exército mais ético do mundo segundo Israel.

Talvez a exposição mais fecunda sobre Gaza à compreensão da catástrofe que se avizinha seja a de Franco Berardi, ***Pensar após Gaza – ensaio sobre a ferocidade e o fim do humano*** (n-1 edições, 2025) – em que pesem aspectos niilistas na análise. Já é comum afirmar-se que Gaza é um laboratório global de dessensibilização (Vladimir Safatle) inscrito em uma lógica colonial imposta desde fins dos anos 40 pelos EUA e Europa Ocidental, ávida em se livrar da comunidade judaica sobrevivente ao Holocausto promovido pela Alemanha Nazista e países europeus cúmplices. Comunidade portadora de trauma não elaborado, que reverte sua condição de vítima para de carrasco, em região secularmente ocupada por povos semitas, em reterritorialização agressiva que sintetiza a crise civilizacional vivida pelo Ocidente.

A ferocidade é a norma que substitui a racionalidade e a lei. O Estado sionista, com propósitos imperialistas, extermina em vingança – retroalimentando a vingança anticolonial – para evitar a repetição do extermínio na



lógica de trauma não elaborado, identificando-se com elementos nazistas: racismo, supremacismo da raça superior, nacionalismo político, imperialismo, somados ao fundamentalismo de um deus racista.

A ferocidade que o conduzirá à desagregação. O genocídio viabilizado pelo Estado sionista pode ser compreendido como uma reação ao declínio demográfico, militar, econômico, cultural, à crise climática do Ocidente, que enfrenta o surgimento de um grupo pós-colonial que não consegue apresentar-se como uma frente unida. Das promessas pós 2ª Guerra, de igualdade, solidariedade e democracia restam quase balbucios, virtudes republicanas foram erodidas pela lógica da competição, da precariedade trabalhista, pela crescente militarização social, pelos automatismos da hegemonia da finança e da técnica que estreitam os horizontes da possibilidade de pensamento autônomo.

Emerge o tecnonazismo onde os sionistas são a vanguarda de um exterminismo renovado tecnicamente pela inteligência arti-

ficial que eliminaria o fator humano caótico (Projeto Lavender). Eis a nova “utopia”.

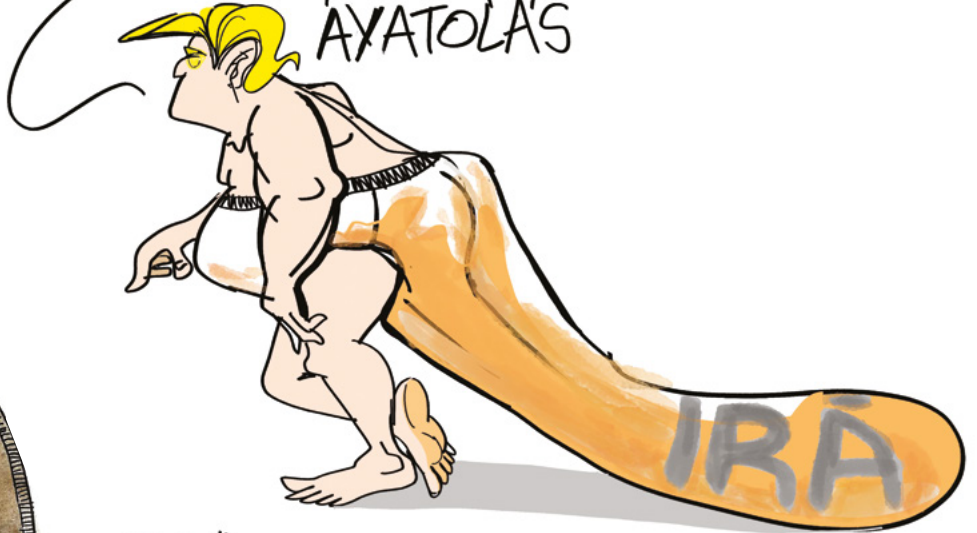
Mas sempre há a alternativa de suicídio nuclear. O niilismo transparece no reconhecimento do fracasso da humanização da história. Na ferocidade está involucrada a ideia de que a tecnologia é função da guerra. O que resta senão retirar-se, pois nada resta senão a guerra

de todos contra todos, renunciar inclusive à reprodução humana, organizar espaços de sociabilidade onde sobre as ruínas recrie-se a amizade, o amor, as formas de afeto, a alegria de viver.

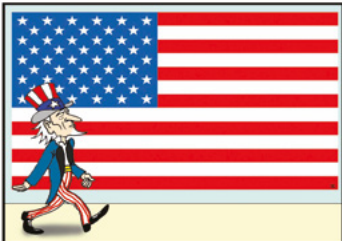
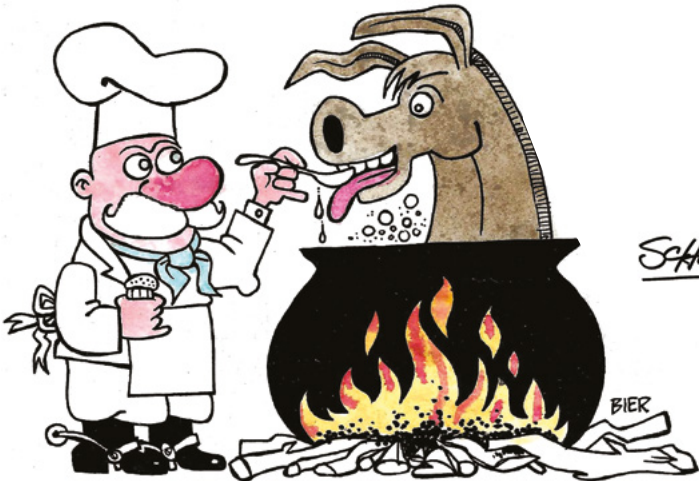
Como alternativa ao declínio da luta de classes, Berardi enfatiza o nacionalismo visto abstratamente, quando a rigor existem diferentes nacionalismos e formas de mediação da luta de classes. Não há como comparar o nacionalismo trumpista com o nacionalismo chinês ou russo. Ou o nacionalismo vietnamita com o nacionalismo de fachada do fascismo bolsonarista. Talvez o problema esteja quando examina a tecnologia como absolutamente impositiva. A solução de retirar-se parece ser a retomada de certo epicurismo onde a comunidade é a amizade de pequenos círculos, a sociedade a organização indiferente das cidades e impérios como um mal tolerado. É pouco. Eros exige mais, essa a lição da teimosia dos palestinos em Gaza. “Vale ficar insone, sempre vigilante. Nunca o mundo, desde que é mundo, esteve tão agitado em sua totalidade...” (Stefan Zweig).



ACHO QUE DEI UM
CAGAÇO NAQUELES
AYATOLA'S



SCHROEDER



O iluminado da Papudinha

Na ala mais introspectiva da Papudinha ocorreu um fenômeno que desafiaria todas as estatísticas: o nascimento de um leitor improvável.

O capitão Jair começou desconfiado. Livro, para ele, era objeto suspeito: cheio de palavras, nenhuma com botão de pular página. O primeiro contato foi tenso. Abriu um exemplar como quem abre uma lata de sardinha vencida: esperançoso, mas preparado para o pior.

Começou com leituras curtas, frases motivacionais, aquelas que prometem mudar sua vida em três linhas ou seu humor em duas. “Você é o protagonista da sua história”, dizia uma. Ele anotou no caderno: confirmar. Aos poucos, a leitura deixou de ser um exercício de desconfiança e virou um hábito.

Vieram então as aventuras. Júlio Verne foi seu personal trainer literário. Em pouco tempo, Jair já não estava na cela: vivia no fundo do mar, no centro da Terra. A imaginação, antes sedentária, começou a fazer alongamentos.

Mas a grande virada veio com a literatura brasileira. Machado de Assis entrou em cena. Jair leu, releu e, em certo momento, suspeitou que estava sendo ironizado por alguém que já não estava vivo há mais de um século.

A partir daí, a coisa escalou. História, geopolítica, sociologia. Ele passou a usar termos como hegemonia e contradição estrutural com a tranquilidade de quem pede pão e água ao carcereiro. Em uma manhã, durante o banho de sol, comentou com um colega de presídio:

— Isso aqui é tudo uma construção social.

O colega respondeu:



— Inclusive, essa conversa.

E ambos ficaram satisfeitos por alguns minutos, o que já valia o capítulo.

A filosofia veio como sobremesa. Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Karl Marx. Nomes que antes soariam como escalação de time europeu passaram a frequentar seus pensamentos. Jair discordava de todos com a mesma convicção com que antes concordava com poucos. Evolução, afinal, também é saber destoar.

Os anos passaram. A cela virou biblioteca. O silêncio, cúmplice. Jair tornou-se um leitor disciplinado, desses que sublinham trechos e depois sublinham o sublinhado, só para garantir. Desenvolveu até um método pró-

prio: se não entendia uma frase, lia de novo; se continuava sem entender, estava tudo entendido e ponto.

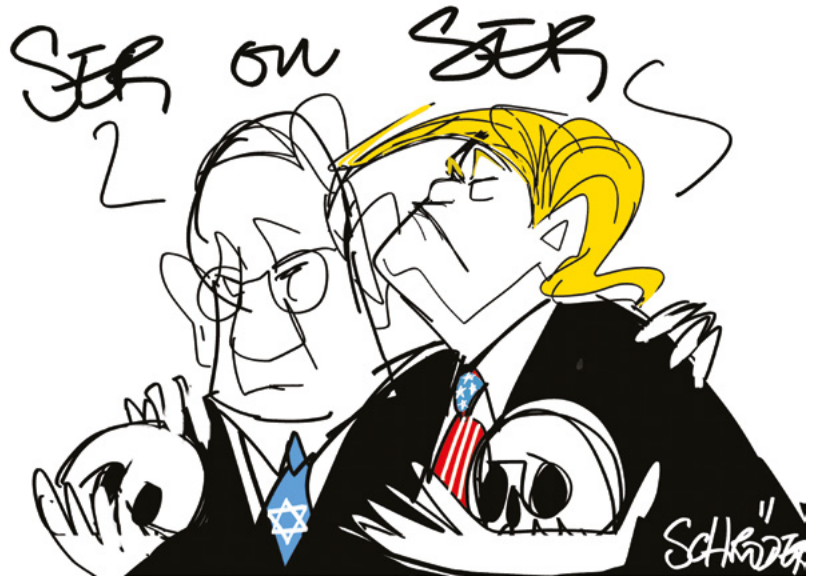
Quando enfim deixou a prisão, duas décadas depois, havia nele algo novo: não exatamente sabedoria, mas uma familiaridade com ideias.

No primeiro discurso em liberdade, respirou fundo e falou: — Como diria Michel Foucault...

Pausa dramática. Plateia em suspense.

— ...e também o padre Fábio de Melo.

E ali, naquele pequeno tropeço entre o complexo e o popularesco, o país inteiro entendeu: ler transforma, sim. Mas milagre não faz.



Espiando a mente de Frankenstein

Sou um freudiano de boteco, como tantos outros. Daí achei estranho, depois do filme do Mel Brooks, que Victor Frankenstein, pra criar a vida, preferisse violar túmulos em vez da noiva, coisa que ela parecia esperar ansiosa. Pra tirar a teima, li o romance da Mary Shelley. Fiquei mais encucado ainda.

Agora, com Guillermo del Toro dando uma nova versão da criatura, preferi reler a Mary em vez de ver o filme. Bom, confesso: pulei mais que reli. O romance é desconjuntado, prolixo, sentimental, folhetinesco e de uma ingenuidade que muitas vezes beira a tolice. Ao contrário da Jane Austen e da Emile Brontë, Mary Shelley não tem nada de precoce. Mas, no rastro dos alquimistas, tocou num nervo exposto. Isso merece aplauso.

O doutor não rouba cadáveres como na maioria dos filmes. Ele apenas descobre um jeito de animar a matéria bruta. O mais fácil seria ressuscitar um defunto, mas Mary diz que ele passa meses modelando a criatura segundo os bons padrões biológicos. Com tanto tempo, o material usado não pode ser perecível, confere? Estamos meio que no Velho Testamento, com um boneco de barro, ou gesso, ou trapos, que vai se erguer com um sopro químico.

O doutor quer criar uma espécie mais bela e forte que a humana. Então a criatura tem corpo muito bem proporcionado e dois metros e quarenta de altura. Mas, ao viver, a pele se torna amarelada e os olhos, de um cinzento de defunto. Apavorado, o doutor se

tranca no quarto e tem um sonho com a noiva: “Julguei ver Elizabeth estuante de saúde, caminhando pelas ruas de Ingolstadt. Deliciado e surpreso, abracei-a, porém ao beijá-la nos lábios eles se tornaram lívidos com a cor da morte; suas feições mudaram, e eu tive a impressão que segurava em meus braços o cadáver de minha mãe; um sudário envolvia-lhe o corpo, e eu via os vermes rastejando pelas dobras do pano”.

Que coisa, tchê, diria o analista de Bagé.

O doutor foge. Abandonada, a criatura perambula sem ser percebida por ninguém, apesar do tamanho e da aparência. Aprende a falar e a ler numa sequência de cenas quase tão miraculosas como as do autodidatismo de

Tarzan entre os macacos. Depois, ao tentar contato com humanos, que ficam apavorados, a criatura tem a bondade triturada e quer vingança. Mais uma vez de modo miraculoso, sem ser notado, viaja pelo mundo atrás de Frankenstein, a quem exige uma noiva tão monstruosa como ele para viver feliz para sempre, de modo vegetariano, numa selva sul-americana. Diante da negativa do doutor, promete matar Elizabeth de modo bem específico: na noite de núpcias.

Moral da história: o doutor Frankenstein morre virgem, como sua criatura. Faz sentido, dentro do quadro. Mas me pergunto: até onde Mary Shelley, nos seus dezenove anos, tinha consciência do que fez?



O homem Cazarré

Decidi meter o dedo nesta polêmica envolvendo o ator Juliano Cazarré. Reconheço humildemente que ele tem por volta de 5 milhões de seguidores. Antigamente você dizia que a pessoa era respeitada, tinha uma imagem a defender, um papel decente na sociedade. Hoje você diz o número de seguidores como se fosse uma régua para medir a credibilidade de alguém. Mas enfim, são pessoas que o seguem e devem concordar com o que ele diz. Essa é a maneira de conectar as pessoas em torno de uma ideia, sua ou copiada, que você defende.

Juliano quer recuperar a figura desamparada do homem(sic). Ele mesmo diz isso. Eu procuro esse homem desamparado e não acho. Acho o homem violento, arrogante, autoritário e misógino. Acho também o homem sem o mesmo poder de antes, questionado, fragmentado, discutido. Esse é fácil de achar e mesmo que ele não se reconheça assim, dá para destacar no meio de todos.

Os homens estão cometendo mais feminicídios hoje não porque estão desamparados ou sem Cristo no coração. Estão cometendo mais crimes contra as mulheres porque estão perdendo o poder sobre o corpo e os desejos femininos. Homens não ocupam mais o papel de “liderança e comando” quase incontestáveis. Podem ainda ser escolhidos, mas não impostos como antes. Não são mais uma fatalidade, literalmente e sim o alvo de desejo que leva a escolha seja por parte de mulheres ou de outros homens. Mas isso incomoda. Os homens não querem se colocar em questão. Querem, como mostra o Ca-



zarré, recuperar o seu papel hoje questionado. Querem voltar a mandar no corpo e na alma das mulheres. Querem decidir sobre família, filhos, espiritualidade, futuro, lar e profissão. Querem voltar a ser os grandes protagonistas da relação, os chefes de família, os provedores. A livre escolha deixou de ter importância e a orientação sexual então, não devia nem ter surgido.

Esse discurso realmente libera o feminicídio, como bem disse a atriz Marjorie Estiano. É esta posição masculina que justifica o corretivo físico e violento para restabelecer o comando familiar. Juliano Cazarré, quando diz que os homens precisam recuperar seu caminho de masculinidade, não prevê que as mulheres mudaram e não aceitam mais essa imposição. O mundo mudou e com isso até mesmo os princípios cristãos deveriam acompanhar esta mudança. Você pode pregar o amor junto com a livre escolha. Pode pregar a solidariedade e até mesmo a caridade junto com a justiça social. Preguar a crença no reino dos céus sem deixar de querer também uma vida mais digna enquanto está por aqui. Esse é o verdadeiro espírito cristão que une homens e mulheres.

Não existe nenhum texto que ensine que homens são melhores que as mulheres, que devem co-

mandar ou prover uma família. Homens podem ser mais fortes, mas isso não significa que sejam os comandantes. Homens têm características diferentes das mulheres, mas nem melhores nem piores. Essa diferença deveria ser a que une e não a que estabelece

hierarquias. Homens devem rever seus papéis sim, mas para se moldar a este mundo novo que inclui todas as pessoas de modo igual. Deveria refletir sobre o poder e porque matam tanto quanto este poder é questionado. Deveriam pensar sim porque o acesso às armas acaba favorecendo este tipo de violência e porque os mandamentos masculinos herdados são tão contrários ao convívio harmonioso que deveria existir entre os seres humanos.

Nenhum sexo é melhor do que o outro. E isso deveria ser fator de atração e não de opressão. Juliano Cazarré assim como todos os outros que pensam como ele são curiosamente de direita. É na direita que eles encontram respaldo para esse tipo de questionamento que vai contra a evolução, contra a modernidade, contra a expressão maior da liberdade de escolha. E ninguém escolhe impunemente esta posição. O direito de escolha inclui também o direito de dizer não, de escolher o próprio caminho e decidir o próprio futuro longe dos dogmas ou ensinamentos obsoletos dos quais, a duras penas, estamos conseguindo nos liberar. Sempre me preocupei em ser este homem. Alguma coisa acho que consegui mudar em mim e vejo também em outros. Não estamos desamparados, estamos nos reconstruindo.

Deus trabalhou em escala 6/1. Se optasse pelo modelo 5/2, talvez não tivesse criado o gado. (Carlos Castelo)

Cocordenado. Não foi uma droga, não. Foi bem feitinho. (Ernani Ssó)

O ICE prende, o juiz analisa, e os republicanos decidem quem merece escapar da lei. (Carlos Castelo)

Fazer sexo vai custar mais caro. A maior fabricante de camisinhas do mundo, a Karex (fazendo jus ao nome), da Malásia, anunciou um aumento de preço de 30% porque a guerra contra o Irã diminuiu o fornecimento de matéria-prima. Ou seja, essa guerra quer nos foder até na cama! (Celso Vicenzi)

O Rio tem o Cristo de braços abertos e o Ministério Público de braços cruzados. (Carlos Castelo)

As contribuições negras dos EUA pra humanidade: jazz, blues e rock. As brancas? Cachorro-quente, coca-cola e bomba atômica. E, na área cinematográfica, duas de extrema importância: perseguições de carro e revólveres, com tambor pra seis balas, disparando mais de cinquenta tiros ininterruptos. (Ernani Ssó)

Se Flávio é um Jair moderado, Mussolini foi um Calígula comido? (Carlos Castelo)

Manchete no UOL: "Mulher diz que academia em SP a pediu para cobrir top por causa de 'homens casados'". Tenho visto esse erro em toda parte, na internet. O que está acontecendo? Não lembro de ninguém, nos meus tempos de ginásio, que não soubesse pra que servia o "lhe" ou "a ela" e "a ele". (Ernani Ssó)

Vorcaro é homem de mercado. E sempre que vai às compras volta com a sacola cheia de juizes, ministros, desembargadores, políticos, executivos, jornalistas... (Celso Vicenzi)

Quantos generais são necessários para instalar uma lâmpada? Depende da lâmpada: se iluminar demais, nenhum vai querer instalar. (Carlos Castelo)

Emocionalmente. Sentimentos difíceis de carregar. (Ernani Ssó)

Antigamente havia censura à grande imprensa. Hoje há briefing da Faria Lima. (Carlos Castelo)

Durante. É aquele tempo em que a gente fica no meio de qualquer coisa. (Ernani Ssó)

Na escala 6x1, o domingo não é dia de lazer; é dia de redução de danos. (Carlos Castelo)

Camisa não ganha jogo, dizem. Mas embeleza os jogos! (Celso Vicenzi)



Lui

Um colunista do 247 sobre gringa descobrindo a farmácia popular: "(...) a mulher ficou desacreditada ao perceber que poderia retirar o medicamento sem custo, demonstrando surpresa e satisfação com o sistema de acesso à saúde disponível no país". Poxa, fiquei incrédulo. (Ernani Ssó)

Se trabalho pesado purificasse o espírito, o paraíso teria fila preferencial pra pedreiro. (Carlos Castelo)

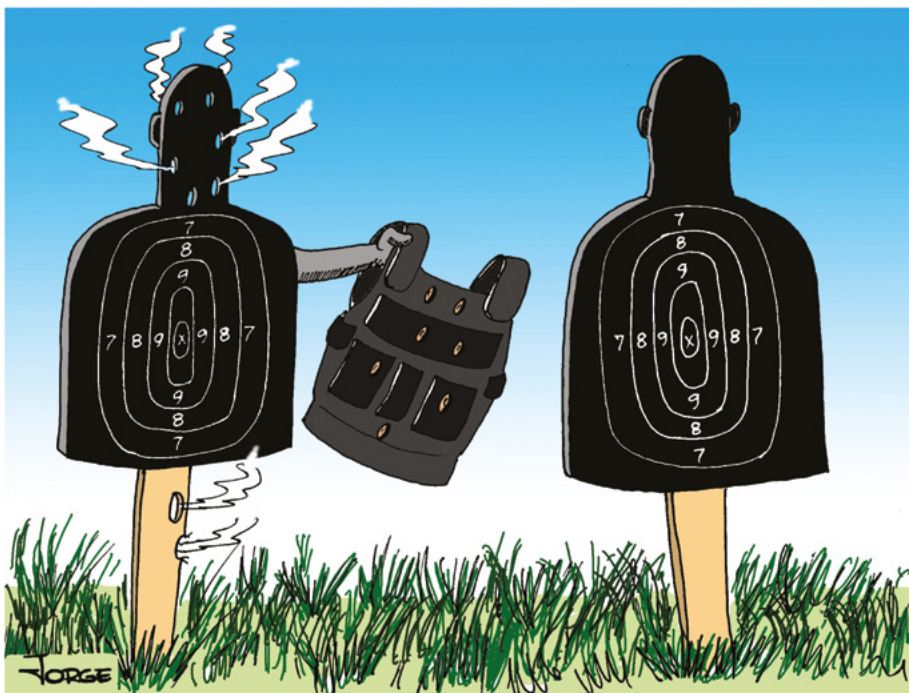
Sirtuado. Aquele que, além do título de nobreza, está bem de vida. (Ernani Ssó)

Bom dia, Carlos. Chegou a fratura do seu cartão de crédito. (Carlos Castelo)

Aboidar. Puxar conversa com o boi insone. (Ernani Ssó)

Entre o burro no prato e o burro na presidência da Argentina, o mais indigesto continua sendo o segundo. (Carlos Castelo)

Por falar em erro de português, um dos mais comuns é gente dando uma "palhinha" em vez de uma palinha, velho sinônimo de dica. Como descobri a palavra no "Pasquim", na adolescência, nunca cometi esse erro. Mas veja só o azar. Escrevi a orelha do "Livro dos erros" (Record, 2001), do Mário Goulart, em que mencionava a bendita palinha no primeiro parágrafo. Adivinha se o revisor da editora não corrigiu pra "palhinha"? Pena que o livro não foi reeditado, daí meu caso poderia fazer parte dele com algum destaque. (Ernani Ssó)





Mouzar Benedito

Jair Renan deveria ser vice do Zema. Sintonia perfeita. Nenhum tem cérebro. (Milton Saldanha)

Zema e Jair Renan, a chapa enxuta: dois nomes, meio raciocínio. (Carlos Castelo)



Há milhares de santos e santas. Mas a preferência atual é pela "santa ignorância". (Celso Vicenzi)

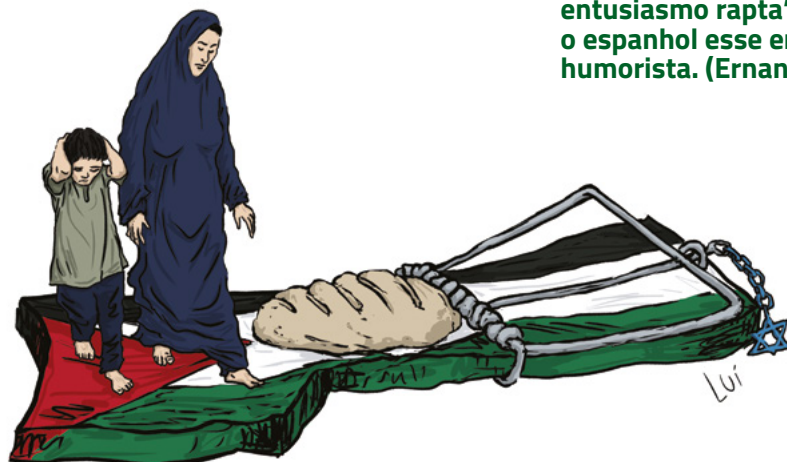
Entrender. Compreender o funcionamento das vias férreas ou saber tudo de Minas Gerais. (Ernani Ssó)

Quando uma autoridade da área pública pega carona em jatinhos privados, tá levando a corrupção na bagagem. (Celso Vicenzi)

Paula White-Cain, a pastora trumpista, comparou o orangotango platinado a Jesus Cristo. Não conheço nenhum ateu que tenha sido tão baixo assim com Jesus. (Ernani Ssó)

É impressão minha ou a China está dando aula gratuita de como ganhar uma guerra hegemônica sem dar um único tiro? (Celso Vicenzi)

No palco da mídia, pensar não basta: é preciso pensar sem causar qualquer desconforto. (Carlos Castelo)



O sonho da terceira via é um candidato que fume, mas não trague. (Ernani Ssó)

Corrupção no Brasil virou modelo de negócio. (Carlos Castelo)

Reidículo. Cara que se acha o tal. (Ernani Ssó)

Leão XIV e Donald Trump. Eles que são ianques que se entendam. (Carlos Castelo)

Paradoxo da contemporaneidade: muitas pessoas vazias, mas tão cheias de si. (Celso Vicenzi)

Orientrada. Portas com flechas indicativas. (Ernani Ssó)

Juan José Domenchina: "Minha corporalidade – mínima e acicular – é apta. / Sua tensão esotérica à adiaforia capta, / à emoção impulsa e ao entusiasmo rapta". Em tempo, o espanhol esse era poeta, não humorista. (Ernani Ssó)

Para os crentes, uma luz:
Chegou o Salvador,
Trump reencarnou Jesus!

Aviso a todas religiões:
Sou sim materialista
Há três encarnações!

Ciência é perdição,
Diz o pastor ao irmão,
Exigindo devoção!

Saudade do Bozo... pode?!
Explica-se: para a cabra
É perfume o fedor do bode

Tudo conforme se gosta!
Abelha não convence mosca
Que mel é melhor que bosta

Atolados em lodaçais,
Esperneiam e gritam:
Queremos é mais!

Em cabeça pequena
De pensamento disforme
Todo problema é enorme

Com o pé na cova,
A gente se renova
E leva mais uma sova!

Sem alternativa,
Encaro a merda
E grito viva!

Masturbação mental:
A inteligência natural
Sobreviverá à artificial?

A cidade cansa.
Vou para o campo
Ver pirlampos



Freelancer. Aquele trabalhador que só tem vínculo com a angústia. (Carlos Castelo)

Um cartaz, num restaurante, anunciava Alá Minuta a preços módicos. O sincretismo brasuca é foda. (Ernani Ssó)

Antigamente o trabalho explorava o homem. Hoje, o homem se explora e ainda chama isso de empreendedorismo. (Carlos Castelo)

Famíliaires. Los que tienen un aire familiar. (Ernani Ssó)

Se não existe "almoço grátis", imagine carona em jatinho particular. (Celso Vicenzi)

Para o masoquista, ser seu próprio chefe é ótimo. Ele finalmente encontrou um patrão à altura do seu ódio. (Carlos Castelo)

Israel aprova pena de morte, pela força, para palestinos. Lance realmente digno do sionismo: é a execução mais humilhante e a mais barata, já que as cordas podem ser utilizadas muitas vezes. (Ernani Ssó)

Práticas. Cirurgias caipiras. (Ernani Ssó)

A insistência em sabotar a democracia é simples: o Brasil que mudou incomoda o Brasil que não quer mudar. (Celso Vicenzi)

A pastora Paula White-Cain é conselheira espiritual de Donald Trump. Eu teria ficado menos surpreso se ela fosse conselheira espiritual de um peso de concreto armado desses em que mafiosos prendem os pés dos inimigos antes de os jogar no mar. (Ernani Ssó)

Todos devem ter direitos iguais. Por exemplo: até agora Vorcaro não depositou nenhum dinheiro na minha conta. (Celso Vicenzi)

Ajustres. Pequenas reformulações num triângulo amoroso. (Ernani Ssó)

O novo contrato social é simples: você finge que trabalha e o sistema finge que paga. (Carlos Castelo)

Nikolas Ferreira disse que, quando pensa em criminosos, a imagem que vem à sua cabeça é de negros e pardos. Gozado, seus parceiros – Vorcaro, Bolsonaro e O1, pra não ir mais longe – são brancos, se não me engano. (Ernani Ssó)

O mistério da origem do universo não nos incomoda; o que perturba é não sermos o centro dele. (Carlos Castelo)

Casois. Sistema solar com dois sóis. (Ernani Ssó)

Com mais uns oito anos assim, sem governador, o Rio será o melhor estado do Brasil para se viver. (Carlos Castelo)

DCM: "Especialistas ligados à Associação Internacional de Exorcistas (AIE) fizeram um apelo ao papa Leão 14 sobre a escassez de padres exorcistas na Igreja Católica". Imagina então sua falta no Pentágono. (Ernani Ssó)

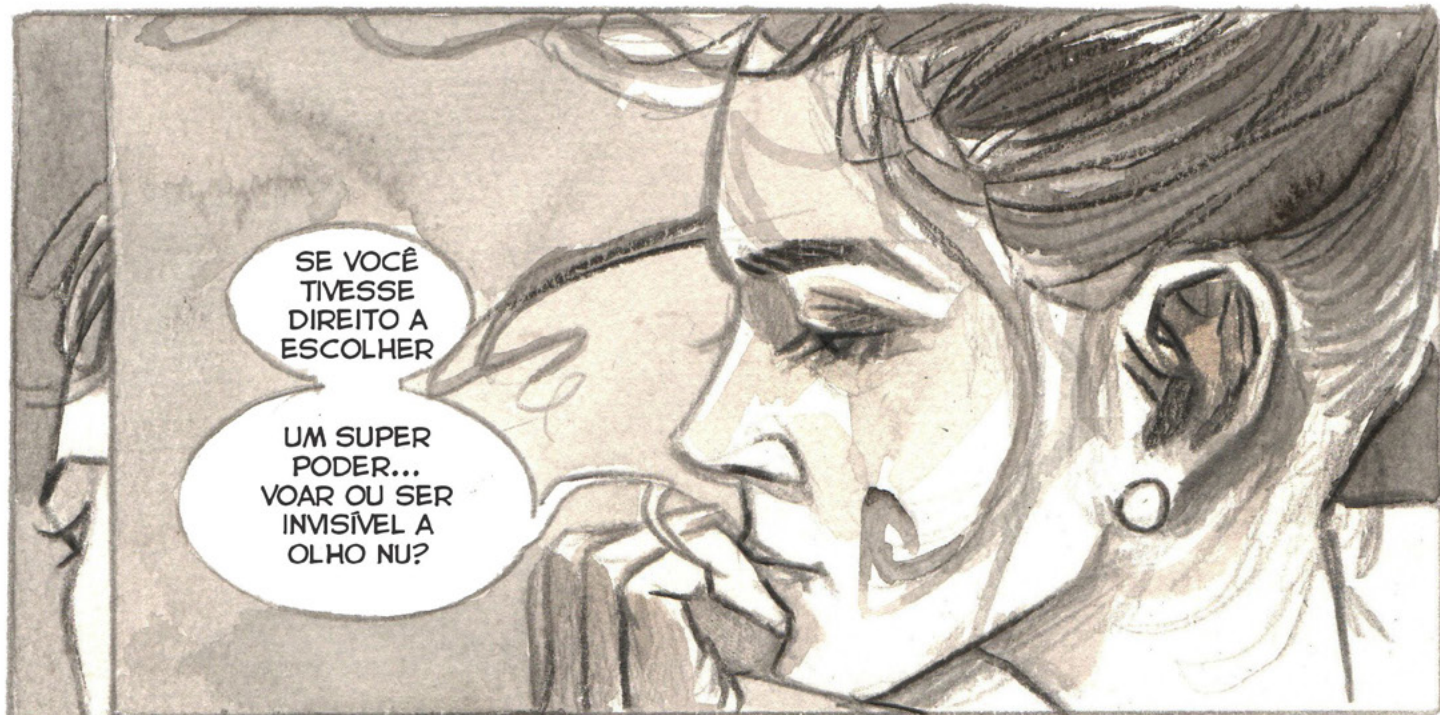
VACINA CONTRA A DITADIURA

CAMPANHA DE PRÉ-VENDA

PROJETO DE FINANCIAMENTO DO LIVRO **DEMOCRACIA POR UM FIO** DO JORNALISTA E CHARGISTA CELSO SCHRÖDER E DO ESCRITOR E TRADUTOR ERNANI SSÓ, COM PREFÁCIO DE OLÍVIO DUTRA

O cartunista e o escritor, a partir de desenhos diários realizados como antídotos contra a pandemia de vermes e vírus no governo Bolsonaro, fazem uma radiografia profilática dos tempos em que vivemos em perigo. Com o SUS garantindo a vacina contra o vírus renitente, os autores oferecem a vacina contra os vermes e seus filhotes que, mesmo de dentro das prisões, nos ameaçam.

O LIVRO TEM 106 PÁGINAS, EM FORMATO A4, 21cmX 29cm, PAPEL COUCHET 110gr NA CAPA E 90 gr NO MIOLO, COM MAIS DE 300 DESENHOS DE HUMOR E TEXTOS QUE CONTEXTUALIZAM AS CHARGES. AS EDITORAS GRIFO E ZINI GARANTEM A OBRA VIABILIZADA PELO CROWDFUNDING DA ORIGO. PREÇO DA PRÉ-VENDA: R\$70,00 MAIS BRINDE @origocrowd



SE VOCÊ
TIVESSE
DIREITO A
ESCOLHER

UM SUPER
PODER...
VOAR OU SER
INVISÍVEL A
OLHO NU?



VOAR!



TODO
MUNDO PODE
SER ANÔNIMO OU
INVISÍVEL NOS
AMBIENTES
VIRTUAIS...



O PROBLEMA
É QUE
JUSTAMENTE OS
MAIORES
IDIOTAS

É QUE
TRANSFORMAM
ISSO EM UM
GRANDE
VÍCIO!